



Iris van Herpen: *Sculpting the Senses*,  
Musée Les Arts Décoratifs.

Créditos: Luc Boegly/Divulgação.

## É ARTE OU MODA? IRIS VAN HERPEN DESAFIA O LIMITE DOS CAMPOS

ASTRID SAMPAIO FAÇANHA - ABCA/SÃO PAULO

**RESUMO:** Neste artigo apresentamos a estilista neerlandesa Iris van Herpen. Seu processo criativo envolve alta tecnologia aliada às práticas artesanais da Alta-Costura para criar peças de vestir incomuns, lançadas em desfiles conceituais. Apesar de ter apenas 40 anos, ela já participou de diversas exposições em museus na Europa e nos Estados Unidos, além de desfilar para a Alta Costura. Para a estação outono/Inverno 2025/2026 reforçou a simbiose arte e moda com esculturas aéreas mostradas em uma performance com duração de 45 minutos, apenas para convidados.

**PALAVRAS-CHAVE:** moda, arte, exposição, recepção

**ABSTRACT:** In this article we present Dutch designer Iris van Herpen. Her creative process involves high technology combined with the artisanal practices of *Haute Couture* to create unusual garments, launched in conceptual fashion shows. Although she is only forty years old, she has participated in several exhibitions in museums in Europe and the United States apart from her participation in the Haute Couture. For the autumn/winter 2025/2026 season, she expanded the symbiosis of art and fashion with aerial sculptures, shown in a 45-minute performance, for guests only.

**KEYWORDS:** fashion, art, exhibition, reception

Iris van Herpen nasceu em Wamel, um vilarejo de moinhos de vento, na província de *Gelderland*, na Holanda, há exatos 40 anos. Suas coleções, porém, correm por fora do tempo e do espaço geográfico. Sua poética experimental, dificulta, e até mesmo desencoraja, uma avaliação crítica na moda, o que sugere certo esvaziamento, ou mesmo, esgotamento, na hermenêutica do campo, ao lidar com obras imprevisíveis.

Para desenvolver suas coleções desfiladas na rarefeita Alta Costura francesa, duas vezes ao ano, outono/inverno e primavera/verão, ela faz pesquisas em centros de referência em alta tecnologia, tais como, o Centro Suíço de Aceleração de Partículas (CERN) e o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Além disso, mistura matéria-prima industrial com tules e bordados feitos à mão. Em seus desfiles, experiências sintópicas, envolvendo luz, som e efeitos cinéticos, cria uma estética voltada para um futuro sideral.

Apesar do processo *high-tech*, o qual envolve programas de *software*, corte a laser e impressão 3D, suas

criações são femininas e românticas, sem deixar de serem intensas e de alta voltagem. São percebidas como integrantes de uma estética etérea e contingente, que se impõe como complexa e impenetrável. Vestem o corpo feminino, ora como segunda pele, ora como uma couraça, sempre de forma a colocá-lo no cerne da experiência. A cada nova coleção, ela interage com artistas, *performers*, engenheiros e pesquisadores acadêmicos, formando uma equipe criativa interdisciplinar para experimentar novas técnicas e efeitos.

Percebemos em Iris van Herpen uma dialética entre *ethos* e *pathos*, isto é, entre uma ideologia que se opõe ao antropoceno (resistência à dominação da natureza) versus o uso da tecnologia como proposta estética (sucumbência à natureza dominada). Artigos publicados na imprensa revelam que a recepção de sua obra incita tanto admiração quanto inquietação, confirmando o quão difícil é prescrever o trabalho da estilista artista.

No desfile para o *prêt-à-porter*, *Biopiracy* (outono 2014), ela trabalhou

com Lawrence Malstaf, artista belga, radicado na Noruega, envolvido com biologia e física, para desenvolver uma instalação cinética em qual três modelos vivos foram empacotadas a vácuo, com se fossem mercadorias biológicas, fresquinhas. A instalação pode ser interpretada como uma síntese poética do corpo utópico, no espaço heterotópico foucaultiano: o aqui e agora como lugar nenhum. Porém, era apenas uma forma de chamar atenção para a realidade de que partes dos nossos corpos, isto é, um tanto de nossos genes, já estão sendo patenteados. A indagação era do tipo: “Será que ainda nos pertencem?”

Iris van Herpen já expôs em museus como o Victoria and Albert (V&A), em Londres, o Centraal Museum, em Utrecht, na Holanda e o Anna Wintour Costume Center, do Museu Metropolitano (MET), em Nova York. “Mechanical Movement”, (primavera, 2015), um desfile para o *prêt-à-porter*, desenvolvido em parceria com Jólán van der Wiel, artista e engenheiro mecânico holandês, aconteceu no terraço do Beaubourg, o Centre George Pompidou. As peças pareciam



Iris van Herpen: Desfile Biopirataria (O/I 2014-2015). Fonte: Reprodução. Disponível em: Biopiracy Full Video | News | Iris van Herpen Acesso em: 20/06/2024.

feitas sob-medida para circular na obra-prima de Richard Rogers e Renzo Piano. A intenção era criar roupas vivas, não apenas reativas, mas que vibrassem com o corpo, a partir da manipulação de materiais têxteis, naturais e sintéticos, enxertados com metais condutores, que interagissem com sua própria força magnética.

Algumas instituições possuem obras de Van Herpen em seus acervos. *O Real Museum of Ontario (ROM)* anunciou, em 2018, a aquisição do vestido Dom, do desfile “Aeriform”, (Alta Costura, outono/inverno 2017/18). Desenvolvido em colaboração com Philip Beesley, artista e arquiteto canadense, foi adquirido com apoio de um fundo de doação, legado da colecionadora Louis Hawley Stone. Com espirais de aço, bordadas a mão, formando uma colônia de diminutivos náuticos, o vestido “Domo” no desfile parecia flutuar sobre o corpo.

O *V&A* adquiriu o “Black Plastic Snake Dress” (desfile *Capriole*, Alta Costura, outono/inverno 2011/12), inspirado nos desenhos de organismos marinhos do biólogo oitocentista,

Ernst Haeckel. O MET já possui pelo menos uma meia dúzia de espécies, entre estas, o “Skeleton Dress”, da mesma apresentação, um clássico exemplo de como Iris van Herpen utiliza a tecnologia, para mimetizar a natureza. A estrutura em polímero, feito 100% na impressora 3D, foi eleito uma das melhores invenções do ano de 2011 pela Time Magazine.

Andrew Bolton, curador-chefe do Costume Institute, o departamento de têxteis e indumentária do MET, incluiu Van Harpens em uma série de exposições temáticas, nas últimas décadas: “Manus X Machina: Fashion in the era of Technology” (05 de maio a 05 de setembro de 2016); “About Time: Fashion and Duration” (29 de outubro de 2022 a 07 de fevereiro de 2021); “Women Dressing Women” (07 de dezembro de 2023 a 03 de março de 2024) e “Sleeping Beauties: Reawakening to Fashion” (10 de maio de 2024 a 02 de setembro de 2024).

O Musée des Arts Décoratifs (MAD) dedicou à ela uma grande exposição encerrada no primeiro semestre deste ano: “Iris Van Herpen: Sculpting the

Senses” (29 de novembro de 2023 a 28 de abril de 2024). Aos 39 anos, tornou-se a artista feminina mais jovem a ser beneficiada com uma individual no MAD, nos 140 anos da instituição. A



Iris van Herpen em artigo recente no The New York Times  
Fonte: Dutch Fashion Designer Iris van Herpen Moves Into Art - The New York Times  
Acesso em: 25/06/2024.

mostra que seguiu para a Queensland Gallery of Modern Art (QAGOMA0), em Brisbane, na Austrália, pode ser vista como a antologia de uma rara trajetória consolidada em apenas 16 anos. Por outro lado, proporcionou um contexto onde era possível uma imersão no universo onírico de suas criações. Desta vez ela pulou os desfiles da primavera/verão 2025 e a exposição serviu para não deixar a estação passar em branco.

Jornalistas e críticos foram obrigados a levantar de seus assentos na primeira-fila e percorrer a exposição, como qualquer um. Poucos se deram conta, mas houve uma inversão fenomenológica: Enquanto no desfile a crítica é fixa e os modelos passam com seus looks; na exposição, as peças eram fixas e o público e especialistas passeavam por elas e podiam apreciá-las de diversos ângulos, inclusive com algumas penduradas de ponta a cabeça. Em sua mais recente apresentação, no calendário da Alta Costura (outono/inverno 2025/2026), no dia 24 de junho, deste ano, Iris van Herpen inverteu novamente esta lógica.

Decidiu retornar aos desfiles, porém, sem abrir mão da exposição: criou uma mostra relâmpago, de 45 minutos (os desfiles costumam a durar de 15 a 20) e repetiu o feito de dez anos antes, no desfile “Biopiracy”, quando suspendeu as modelos, vivas, no ar, desta vez, como se fossem uma composição em 3 D, de uma pintura de cavalete. As oito peças da coleção recente, apresentadas em duplas, estão sendo chamadas de “*Esculturas Híbridas*”, de forma a retomar a pergunta que não quer calar: É arte ou moda?

Talvez não importe mais. Afinal, o Louvre recentemente anunciou que em 2025 fará a primeira exposição dedicada à moda em seus 231 anos. Que o diga o Museu de Arte Moderna de Nova York (Moma). A moda que havia sido banida do cubo branco modernista por 73 anos, desde que a primeira e única exposição foi realizada no Moma, em 1944, retornou triunfal em 2017, com a segunda exposição desde a inauguração do museu, em 1929.



Iris Van Herpen: Hybrid Show. Foto por Franck Bohbot. Disponível em: <https://www.irisvanherpen.com/collections/architectonics>  
Acesso em: 27/05/2024.

## REFERÊNCIAS

ANTONELLI, Paola; FISHER, Michelle Millar. 101 Items: is fashion modern? Nova York: Museum of Modern Art (MoMa), 2018.

FOSTER, HAL. O artista como etnógrafo. In: FOSTER, HAL. O retorno do real. São Paulo: Editora UBU, 2017, p. 158-185.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

GERRIE, Vanessa. Iris van Herpen Meta-Utopic Fashion Practice. Nova Zelândia: Auckland University of Technology. Anais Abstract Booklet Annual International Conference. 9th Popular Culture of Australia and New Zealand. 2-4 July 2018.

KODA, Harold. Extreme Beauty: the body transformed. Nova York: Museu Metropolitan (MET), 2012.

LATOIR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza do antropoceno. São Paulo: Abu Editora, 2020.

TEIXEIRA DA COSTA, Cacilda. Roupas de artista: o vestuário na obra de arte. São Paulo: Imprensa Nacional/Edusp, 2009.

TOWNSEND, Chris: Rapture: art's seduction by fashion. Nova York: Thomas & Hudson, 2002.

### **ASTRID SAMPAIO FAÇANHA**

Astrid Sampaio Façanha é Jornalista, bacharel em Comunicação Social, mestre em Ciência da Informação no Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica na Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em Artes na pós-graduação em Estética e História da Arte na Universidade de São Paulo, na linha de pesquisa em Teoria e Crítica de Arte, orientada pela Professora Dra. Lisbeth Rebollo. Professora universitária, pesquisadora, autora de livros, artigos científicos, artigos em periódicos e textos para exposições de arte e desfiles. Entre suas principais publicações estão o livro “Arte do Vestuário” (Minc/Editora The Way, 2017) e a co-organização da obra “Styling: criação de imagem de moda” (Editora Senac-SP, 3o edição 2022).